

## O GRITO DA PERIFERIA INSCRITO NA ARTE: A LUTA PELA AUTOAFIRMAÇÃO E A DENÚNCIA SOCIAL ATRAVÉS DO MOVIMENTO HIP HOP

Joselia Santos da Silva<sup>1</sup>

Orientador: Dr. Roberto Henrique Seidel<sup>2</sup>

*Resumo:* Neste projeto de pesquisa, propõe-se entender a periferia enquanto um espaço de criação de novas subjetividades através do movimento hip hop, uma vez que as produções artísticas de tal movimento, o rap e o *graffiti*, apresentam posicionamentos de resistência buscando autoafirmação dos grupos periféricos. Pretende-se investigar como os valores atribuídos à cultura marginal foram construídos discursivamente, fazendo com que essa cultura, de forma rizomática, sem ir para o enfrentamento que o colocaria em uma posição binária, assuma um lugar de fala que o identifica como espaço discursivo. Visto dessa forma, a cultura dominante perde seu status de universal e passa a ser apenas uma voz a mais no contexto social. O projeto busca investigar de que forma o movimento hip hop se configura como uma potência de transformação da realidade e emancipação dos jovens da periferia. As duas expressões artísticas do hip hop, rap e *graffiti*, através da linguagem busca suscitar o pensamento crítico a respeito da realidade da periferia e fazer com que as pessoas desse espaço se vejam representadas e identificadas. Nesse sentido, a pesquisa investigará o movimento hip hop como uma manifestação cultural que trabalha uma lógica diferente da lógica da cultura dominante, portanto, não se considera menor. A arte da cultura hip hop se constitui como a possibilidade de escapar da subjetividade padrão e fazer da periferia o lugar da criação de novas subjetividades. Para desenvolver tais reflexões a pesquisa se respaldará em Deleuze, Guattari, Derrida, entre outros.

*Palavras-Chave:* A potência da cultura marginal. Cultura dominante. Subjetividades. Movimento hip hop. Rap e *graffiti*.

Neste projeto de pesquisa, propõe-se entender o movimento hip hop e suas expressões artísticas, o rap e o *graffiti*, enquanto espaço de criação que tenta romper com as subjetividades impostas pela cultura dominante buscando a autoafirmação e emancipação da periferia. Pretende-se investigar como os valores atribuídos à cultura marginal foram construídos discursivamente, fazendo com que essa cultura, de forma rizomática, sem ir para o enfrentamento que a colocaria em uma posição binária, assuma um lugar de fala que a identifica como espaço discursivo. Visto dessa forma, a cultura dominante perde seu status de universal e passa a ser apenas uma voz a mais no contexto social.

As expressões artísticas do movimento hip hop, rap e *graffiti* surgem como uma potência que se constitui no espaço criativo, como expressão da realidade na qual a periferia está imersa. Essas criações artísticas do movimento hip hop assumem, assim, o papel social de denúncia, expressando

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: josy.ssilva@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

as revoltas, as ideias, a visão desse mundo que, apesar de se situar à margem, encontra-se inserido na totalidade social.

O hip hop surgiu no final dos anos 60 em Nova York e chegou ao Brasil na década de 80. Aos poucos o hip hop foi organizado e transformou-se em um movimento cultural composto por quatro elementos, são eles: A dança (*break*), a música (*rap*) cantada pelo MC, a arte plástica (*graffiti*) e o DJ, responsável pelo som que é a base para a composição do rap e execução da dança. O rap surgiu inicialmente na Jamaica por volta da década de 60 e chegou aos Estados Unidos por volta de 1970.

O rap e o *graffiti* através da linguagem busca suscitar o pensamento crítico a respeito da realidade da periferia e fazer com que as pessoas desse espaço se vejam representadas e identificadas. Nesse sentido, a pesquisa investigará o movimento hip hop como uma manifestação cultural que trabalha uma lógica diferente da lógica da cultura dominante, portanto, não se considera menor. A arte da cultura hip hop se constitui como a possibilidade de escapar da subjetividade padrão e fazer da periferia o lugar da criação de novas subjetividades.

Na sociedade convivem em conflito a cultura dominante, representada por aqueles que detêm o poder econômico, a elite, e a cultura marginal, representada por aqueles que estão à margem, excluídos e silenciados. A primeira foi instituída como universal, única, padrão. Enquanto a segunda é avaliada negativamente, é desvalorizada e, por isso, colocada à margem da sociedade.

Como representante da cultura marginal o movimento hip hop se iniciou no Brasil em 1980 e vem se afirmando como um movimento social, político e cultural de resistência das periferias. Tal movimento possui o compromisso social de luta e protesto contra a desigualdade social, racial e o abandono que a periferia é submetida. Nesse sentido, o rap e o *graffiti* enquanto elementos do movimento hip hop expressam o grito da periferia que está mostrando sua cultura, construindo a consciência crítica a respeito da realidade.

Nesse sentido, é pertinente uma análise que busque entender a importância desse movimento artístico enquanto cultura marginal, que luta pela autoafirmação e pelo espaço dentro de uma sociedade comandada pela cultura dominante que usufrui de todos os privilégios e detém o poder de controle social.

A partir do que foi colocado, será investigada como a linguagem é articulada na arte do rap e do *graffiti* como potência criativa de resistência, transformação da realidade e emancipação dos jovens da periferia. Além disso, será interpretada a transformação das manifestações artísticas do movimento hip hop em práticas violentas e ofensivas pelo imaginário da cultura dominante.

A periferia é um espaço marcado pela estigmatização e abandono por parte do poder público. O discurso oficial, da cultura dominante, se apropria da visão negativa que se construiu a respeito das periferias para difundir e perpetuar o estigma sobre os jovens moradores de favelas. De acordo com essa visão, a periferia é o lugar próprio de pessoas pobres, sem educação e violentas. Seguindo essa lógica, a periferia não produz cultura, ou melhor, não possui cultura.

Partindo disso, é pertinente tratar do conceito de marginalidade que se mostra bastante amplo. O termo “marginal” vem sendo utilizado para designar as produções artísticas dos sujeitos que estão excluídos socialmente e nas suas produções representam as suas experiências como forma de desabafo e protesto contra as injustiças sociais. Por outro lado, a literatura marginal também representa a produção artística que está fora do circuito canônico, ou, ainda, aquela que retrata a realidade dos grupos excluídos da sociedade, aproximando-se desta através do emprego da linguagem coloquial.

Dessa forma, o movimento hip hop e seus elementos artísticos surge na periferia para quebrar o silêncio, deixar sair o grito de protesto, de denúncia, de desabafo, convidando a comunidade periférica a pensar criticamente a respeito de suas condições sociais e lutar pela autoafirmação, pelo seu espaço na sociedade.

O rap ganhou popularidade, o *graffiti* está à mostra para toda a sociedade, inclusive para os representantes da cultura dominante, que acredita e difunde a ideia de que a periferia só tem violência. Para eles o rap e o *graffiti* não são considerados como arte e sim como música de criminosos, o primeiro e ato de vandalismo, o segundo.

Partindo do método desconstrutivista de Derrida (2001), será enfatizada a cultura marginal, a periferia, mas para isso não utilizaremos da inversão, visto que esta apenas inverterá as dicotomias cultura dominante/cultura marginal e centro/periferia. Portanto, optaremos pelo deslocamento dessas oposições como forma de fugir do discurso classificatório e instaurar a possibilidade do novo.

Diante do que foi colocado, a pesquisa em questão busca analisar a periferia como um lugar possível de criação, no caso criação de novas subjetividades que escapem da subjetividade imposta pela cultura dominante. A linguagem aqui será o meio pelo qual as rupturas dos significados impostos serão operadas, uma vez que a linguagem é, também, o lugar da desconstrução, da criação e da experiência.

Além disso, o rap será analisado enquanto uma arte que possibilita a inscrição das singularidades dos sujeitos da periferia, que dá vida as suas experiências e que se constitui como um meio no qual emerge uma nova subjetividade. No rap as vozes marginais contam sua história,

assumindo o seu lugar de fala, mostrando para a sociedade o outro lado da história da periferia, aquela que ninguém contou e que está apagada pelas marcas de uma única história incansavelmente repetida sobre a favela e os sujeitos que a ela pertencem.

O movimento hip hop enquanto movimento político e cultural da periferia é um espaço de possibilidades para criação de novas formas de vida, novas maneiras de interpretar a realidade através da arte, seja a música (rap), o *graffiti*, a literatura. Nesse sentido, tal movimento se demonstra de forma rizomática, uma vez que se abre para diversas possibilidades e conexões, criando novas formas de linguagem para interpretar, refletir sobre o mundo e criar resistência diante dos desafios.

Outra questão a ser observada em relação ao movimento hip hop é o processo de desterritorialização e reterritorialização, uma vez que as expressões artísticas de tal movimento surgiram em outro espaço e tempo e aos poucos foram adentrando o território brasileiro, operando assim um processo de reterritorialização.

É interessante ressaltar o conceito de cultura marginal, uma vez que este perpassa ou mesmo constitui o projeto de pesquisa apresentado aqui. O conceito de cultura, segundo Chauí (2009), vem do verbo latino *colere*, que significa o cultivo. Com o passar do tempo o conceito de cultura evoluiu e passou a designar o mesmo que civilização. De acordo com a autora:

[...] Com o Iluminismo, a cultura é o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução (CHAUÍ, 2009, p. 24-25).

Nesse contexto a cultura servia para medir o grau de evolução da sociedade baseando-se no modelo ocidental, dessa forma, a cultura que fugisse a esse padrão era vista como primitiva.

Na segunda metade do século XX a cultura passa a ter um sentido mais abrangente, como nos afirma Chauí:

A cultura passa a ser compreendida como o campo em que os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, a direção da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (a percepção do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores – o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto – que instauram a idéia de lei e, portanto, do permitido e do proibido, determinando o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano (CHAUÍ, 2009, p. 28-30).

O conceito de cultura é um tanto complexo, uma vez que ao falarmos de cultura temos que, inevitavelmente, lembrar que a cultura é submetida a divisões assim como a sociedade é dividida em classes. Dessa forma, podemos falar em cultura dominante, cultura popular, cultura marginal, etc. Na

pesquisa a qual o projeto se propõe será tomada como foco a cultura marginal, que tem como forte representante o movimento hip hop.

O conceito de cultura marginal está ligado à produção artística e cultural de grupos marginalizados que através da arte se posicionam como porta-vozes da realidade da periferia. Nesse sentido, segundo Nascimento (2009):

[...] o hip hop brasileiro é abordado como um modo singular de apropriação do espaço urbano e do agir coletivo dos moradores das periferias urbanas e está associado às experiências dos jovens afrodescendentes (NASCIMENTO, 2009, p. 93).

Desse modo, o movimento hip hop enquanto representante da cultura marginal assume o papel social e político de lutar pela autoafirmação dos grupos periféricos, fazendo ecoar através da arte o grito da periferia. Embora essa arte seja considerada menor pela cultura dominante, ela se configura como a voz da periferia, a voz que denuncia, que desabafa, que protesta e luta pela transformação da realidade.

## REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. Salvador: Governo da Bahia, Secretaria de Cultura, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

